



CARTA MENSAL

Junho de 2026

Cenário Macroeconômico • Performance dos Fundos • Posicionamento e Estratégia

Cenário Macroeconômico

Junho encerrou um mês de sinais conflitantes, e é justamente esse conflito que deve orientar a leitura de julho. À primeira vista, o IPCA de junho — de apenas 0,16% — parece confirmar uma trajetória de acomodação inflacionária. Olhando com mais cuidado, no entanto, o número foi fortemente influenciado pelos subsídios do governo aos preços do diesel e da gasolina, que amorteceram no curto prazo o repasse da alta do petróleo provocada pela escalada entre Estados Unidos e Irã. Trata-se, a nosso ver, de uma inflação represada, não eliminada: o efeito do subsídio tem prazo de validade, e o choque de energia que ele hoje mascara tende a aparecer nos meses seguintes, especialmente se o conflito no Estreito de Ormuz voltar a se intensificar, como os sinais mais recentes sugerem.

Esse descompasso entre o número cheio e a inflação subjacente é também o pano de fundo da política fiscal brasileira. O governo segue em uma postura expansionista — medidas de estímulo, subsídios e gastos discricionários liberados acima do inicialmente previsto —, o que sustenta a atividade e o mercado de trabalho aquecido, mas também alimenta a inflação de serviços e reduz o espaço de manobra do Banco Central. O resultado é um paradoxo que já dura alguns meses: a Selic permanece em patamar elevado (14,25%–15,00% a.a.), mas o Copom não consegue iniciar um ciclo consistente de cortes, porque o impulso fiscal compensa boa parte do aperto monetário. Quanto mais o Tesouro gasta, mais o Banco Central precisa segurar os juros — e é esse círculo que caracteriza um quadro de dominância fiscal: juros reais estruturalmente altos, dívida pública crescendo em ritmo mais rápido que a economia, e um mercado que já precifica prêmios de risco elevados nos vértices mais longos da curva (prefixados acima de 14% a.a. para 10 anos, e IPCA+ próximo de 8% nos vencimentos mais longos). É um cenário que exige cautela redobrada na rolagem da dívida soberana e que, até aqui, ainda não gerou fuga de capital relevante — um ponto que monitoramos de perto, dado o conjunto de riscos à frente: calendário eleitoral, necessidade fiscal e dificuldade de rolagem da dívida.

Soma-se a isso a discussão sobre o fim da escala 6x1. Colocado em prática, e sem ganho de produtividade equivalente, o encurtamento da jornada eleva o custo unitário do trabalho em um mercado já apertado — custo esse que tende a ser repassado ao consumidor. O tema caminha lado a lado com o risco de um El Niño mais intenso no segundo semestre, que pressiona preços de alimentos justamente no momento em que o núcleo de serviços já mostra resistência a ceder. São dois vetores adicionais de inflação estrutural que se somam ao quadro fiscal, e que reforçam nossa visão de que a convergência do IPCA para a meta será mais lenta e mais acidentada do que o número de junho, isoladamente, sugere.

No cenário internacional, o desenvolvimento mais relevante foi a mudança de postura do Federal Reserve. A nova gestão do banco central americano sinalizou, de forma explícita, que a inflação acima da meta de 2% deixou de ser tratada como desvio temporário a ser tolerado. O mercado passou a projetar ao menos mais duas altas de 0,25 p.p. na taxa de juros americana, e não descarta um ciclo de aperto mais longo caso a inflação de serviços e o mercado de trabalho nos Estados Unidos continuem resilientes. Essa mudança de postura tem impacto direto e imediato sobre o dólar: juros mais altos nos Estados Unidos aumentam o diferencial de juros a favor da moeda americana, atraem fluxo de capital de volta para ativos denominados em dólar e tendem a fortalecer a moeda globalmente, inclusive frente ao real.

Esse movimento se soma à escalada geopolítica no Oriente Médio, e é por ela amplificado. O cessar-fogo entre Estados Unidos e Irã foi cancelado, e cresce a possibilidade de retomada do conflito no Estreito de Ormuz, rota

por onde passa parcela relevante do petróleo mundial. Em episódios de tensão geopolítica dessa natureza, o dólar historicamente se comporta como moeda de refúgio: investidores globais reduzem exposição a ativos de risco e migram para ativos em dólar, reforçando sua valorização independentemente do diferencial de juros. Um novo fechamento do estreito teria ainda um efeito direto sobre o preço do petróleo, com potencial de reacender pressões inflacionárias globais e, por essa via, justificar juros americanos ainda mais altos — um ciclo que se retroalimenta e mantém o dólar como ativo central de proteção no cenário atual.

No Brasil, a combinação desses dois fatores externos — Fed mais rígido e dólar mais forte no mundo — se soma às fragilidades domésticas já descritas (dominância fiscal, juros presos em patamar elevado, inflação de serviços resistente) para formar um ambiente de real estruturalmente mais vulnerável. Até aqui, não observamos fuga de capital relevante do Brasil, apesar da incerteza eleitoral, da necessidade fiscal e da dificuldade do Tesouro Nacional em rolar sua dívida a taxas historicamente altas. Mas essa resiliência aparente nos parece mais frágil do que o consenso sugere: quando o cenário externo piora — Fed mais duro, geopolítica mais tensa —, o real tende a ser um dos primeiros canais de transmissão dessa deterioração, dado que o Brasil não consegue capturar de forma completa eventuais alívios externos, justamente por seus problemas estruturais internos.

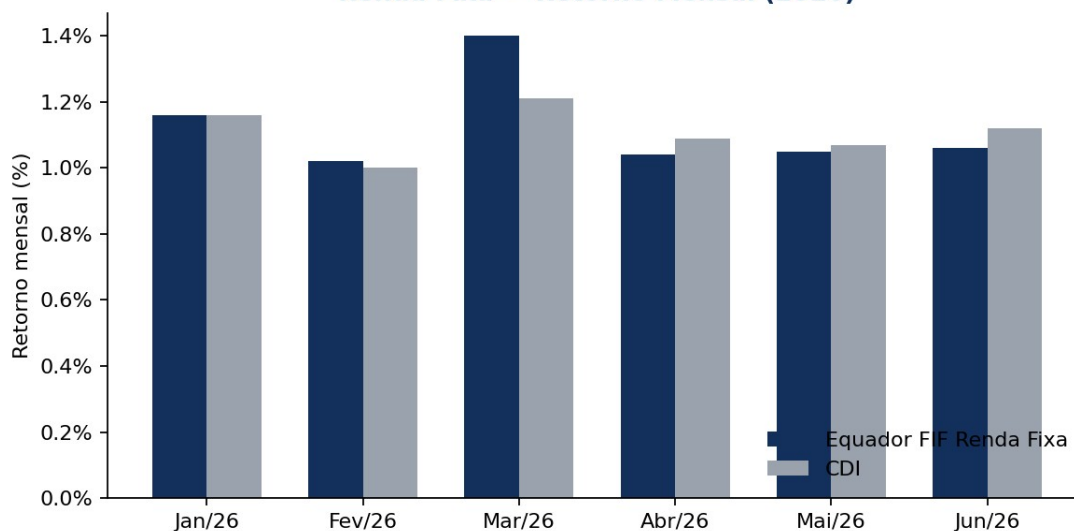
Performance dos Fundos — Junho de 2026

Equador FIF Renda Fixa

Período	Fundo	% do CDI	CDI
Junho/26	1,06%	94,93%	1,12%
Ano	6,92%	101,08%	6,85%
12 meses	14,52%	98,19%	14,78%
Desde o início (13/06/2025)	15,04%	97,56%	15,41%

Patrimônio líquido de R\$ 142,998 milhões, com volatilidade de 0,16% e perda máxima negligível no período de 12 meses — consistente com o mandato de duração livre e grau de investimento do fundo.

Renda Fixa — Retorno Mensal (2026)



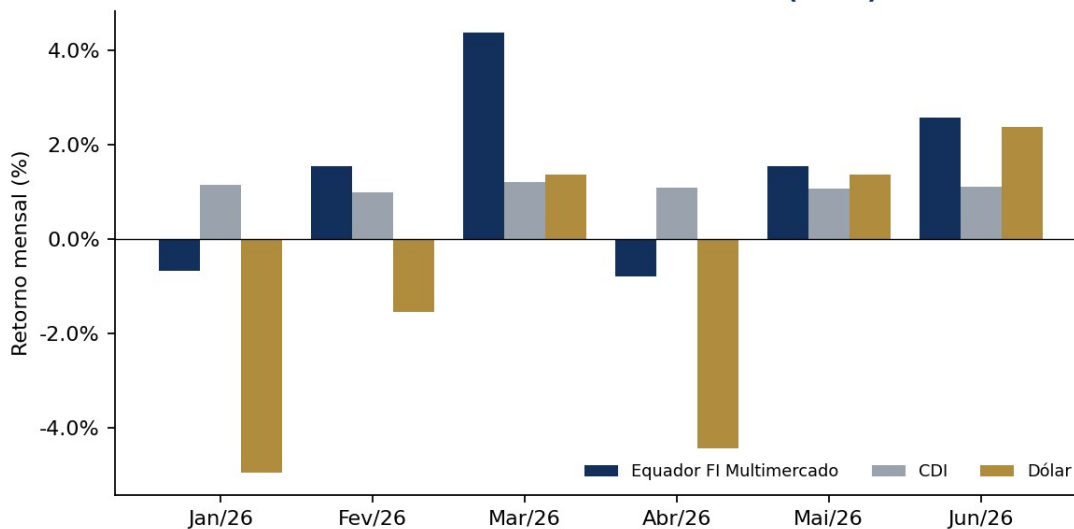
Retorno mensal — Equador FIF Renda Fixa vs. CDI (2026)

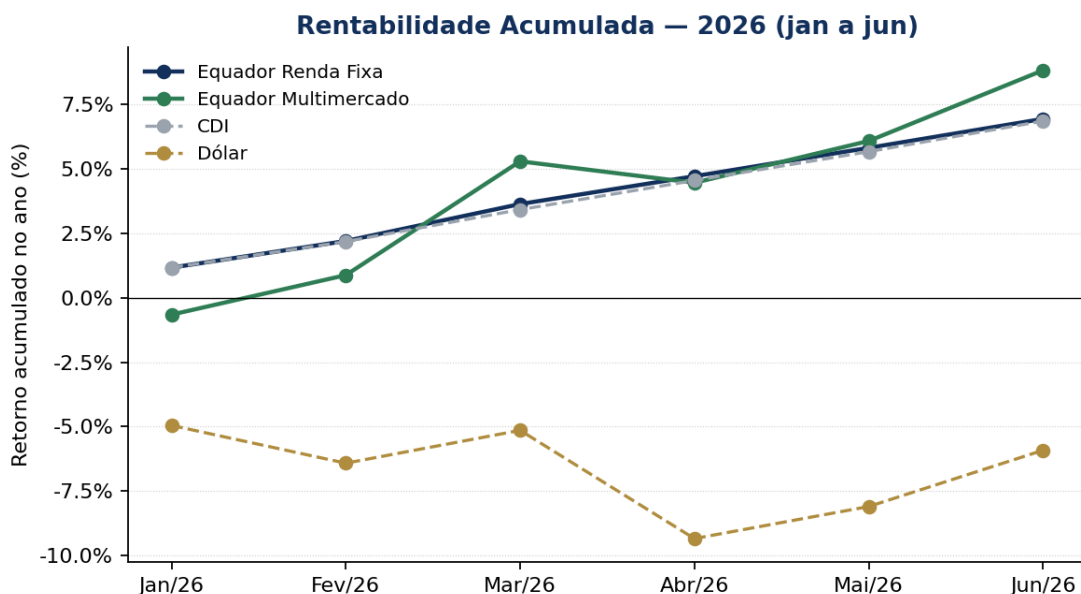
Equador FI Multimercado

Período	Fundo	% do CDI	CDI	Dólar
Junho/26	2,58%	230,28%	1,12%	2,37%
Ano	8,81%	128,72%	6,85%	-5,92%
12 meses	9,69%	65,52%	14,78%	-5,14%
Desde o início (18/12/2019)	38,96%	45,93%	84,82%	27,67%

O mês de junho foi o melhor do ano em termos relativos, com o fundo entregando 230% do CDI, beneficiado principalmente pela posição comprada em dólar, que capturou parte da valorização da moeda americana frente ao real no período. Patrimônio líquido de R\$ 13,678 milhões, com volatilidade anualizada de 5,62%.

Multimercado — Retorno Mensal (2026)



Retorno mensal — Equador FI Multimercado vs. CDI e Dólar (2026)*Rentabilidade acumulada — 2026 (jan a jun)*

No acumulado do ano, o Multimercado (+8,81%) supera o CDI (+6,85%) e se descola de forma expressiva do dólar (-5,92% em 2026), reflexo direto da queda da moeda americana no início do ano seguida de recuperação a partir de março — movimento que a posição comprada do fundo conseguiu capturar de forma consistente a partir do segundo trimestre. Já o Renda Fixa manteve trajetória estável e previsível ao longo de todos os meses do ano, em linha com seu mandato de baixa volatilidade.

Posicionamento e Estratégia

Diante do quadro descrito, mantemos nos fundos multimercado e nas carteiras de clientes uma posição comprada em dólar. A combinação de Fed mais rígido, diferencial de juros favorável aos Estados Unidos, dominância fiscal brasileira ainda não resolvida e risco geopolítico latente no Oriente Médio nos parece um ambiente propício à moeda americana — especialmente frente a moedas emergentes mais vulneráveis. No fundo de renda fixa, dada a impossibilidade regulatória de manter posição em moeda estrangeira dentro do mandato, a exposição equivalente é direcionada a ativos indexados ao CDI, capturando o carregue elevado dos juros domésticos sem assumir risco cambial.

Optamos por não manter exposição a ações de inteligência artificial ou semicondutores nos Estados Unidos. Reconhecemos que a tecnologia é real e que o tema deve seguir relevante nos próximos anos, mas a intensidade do capex necessário, a pressão sobre o fluxo de caixa livre das empresas do setor e, sobretudo, a indefinição sobre quem serão os vencedores dessa transição tecnológica nos parecem riscos que ainda não estão adequadamente refletidos nos preços. Preferimos aguardar maior clareza antes de assumir esse tipo de exposição.

Considerações Finais

Junho deixou um quadro mais complexo do que o número de inflação, isoladamente, sugeria. A combinação de subsídios temporários mascarando pressão de custos, fiscal expansionista represando o ciclo de corte de juros, e geopolítica ainda instável no Oriente Médio nos mantém em uma postura cautelosa e seletiva. Seguiremos ajustando o posicionamento dos fundos à medida que esses fatores se desenrolem, sempre com o objetivo de preservar e fazer crescer o patrimônio de nossos investidores de forma consistente.

Permanecemos à disposição de nossos clientes e parceiros.

Equador Investimentos

Este material tem caráter exclusivamente informativo e não constitui oferta, recomendação ou solicitação de investimento. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Créditos – FGC. Leia a lâmina e o regulamento antes de investir.